



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADE  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**JÉSSICA AZEVEDO PEQUENO**

**ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA, COMUNICAÇÃO  
ALTERNATIVA E MULTIMODALIDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

**GUARABIRA-PB**

**2021**

JÉSSICA AZEVEDO PEQUENO

**ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA, COMUNICAÇÃO  
ALTERNATIVA E MULTIMODALIDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciada em Letras Português.

**Área de concentração:** Aquisição da Linguagem.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega.

GUABARIBA-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P345p Pequeno, Jessica Azevedo.  
Encefalopatia crônica não progressiva, comunicação alternativa e multimodalidade [manuscrito] : um estudo bibliográfico / Jessica Azevedo Pequeno. - 2021.  
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Encefalopatia crônica não progressiva. 2. Multimodalidade. 3. Comunicação alternativa. 4. Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 302.23

JÉSSICA AZEVEDO PEQUENO

ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA, COMUNICAÇÃO  
ALTERNATIVA E MULTIMODALIDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção de grau de Licenciada em  
Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinícius  
Ávila Nóbrega.

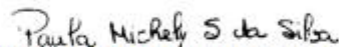
Aprovado em: 19/05/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientador



Profa. Dra. Paula Michely Soares da Silva  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Examinadora



---

Profa. Dra. Anáeze Aparecida Polia  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
Examinadora

Aos meus estimáveis e inenarráveis Pais, Maria José de Azevedo Soares e José Arnaldo Soares Pequeno, que com seu amor e dedicação, ajudaram-me a realizar o curso de nível superior, tornando “real” o sonho de “ter uma filha formada”, DEDICO.

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades [...] (BOAVENTURA SANTOS, 2003, p. 56).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>PARALISIA CEREBRAL OU ENCEFALOTOPIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA .....</b>	<b>08</b>
<b>2.1</b>	<b>Histórico.....</b>	<b>08</b>
<b>2.2</b>	<b>Do termo PC ao nome científico ECNP.....</b>	<b>09</b>
<b>3</b>	<b>ETIOLOGIA E PROGNÓSTICO PARA ECNP.....</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1</b>	<b>Levantamentos Bibliográficos.....</b>	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>MULTIMODALIDADE E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NA ECNP.....</b>	<b>16</b>
<b>5.1</b>	<b>O desenvolvimento da linguagem na ECNP.....</b>	<b>16</b>
<b>5.2</b>	<b>Multimodalidade.....</b>	<b>17</b>
<b>5.3</b>	<b>Comunicação alternativa.....</b>	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>A ESCOLA, O AEE E A ECNP.....</b>	<b>21</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>24</b>

# ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA, COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E MULTIMODALIDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.

Jéssica Azevedo Pequeno<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal pesquisar teoricamente a Encefalopatia Crônica Não Progressiva no contexto de ensino na perspectiva da comunicação alternativa e da multimodalidade. Para isso, foi necessária uma metodologia de levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo, de modo que, os resultados obtidos apontam que essas perspectivas proporcionam o desenvolvimento de habilidades e competências como a escrita e a leitura, através dos recursos alternativos, corroborando principalmente para o reconhecimento de vários modos de linguagem como canais eficientes de comunicação pertencentes a esses indivíduos. Desse modo, percebemos a relevância desses aspectos supracitados no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, assim como, para o caminhar de uma sociedade cada vez mais inclusiva. Para maior respaldo, dispomos das contribuições de autores que versam a respeito do referido assunto, tais como: Polia (2019); Ávila Nóbrega (2017; 2018); Cândido (2004); Brasil (2014); Rotta (2002); Leite e Prado (2004), entre outros citados no decorrer deste trabalho.

**Palavras-chave:** Encefalopatia crônica não progressiva. Multimodalidade. Comunicação alternativa. Aprendizagem.

## ABSTRACT

The present study has as main objective to research Chronic Non-Progressive Encephalopathy and the teaching context with alternative communication and multimodality. For this, it was necessary a methodology of bibliographic survey on the subject under study, so that, the results obtained point out that perspectives provide the development of skills and competences such as writing and reading, through alternative resources, corroborating mainly for the recognition of various models of language as efficient channels of communication belonging to these individuals. In this way, we perceive the relevance of these aspects mentioned in the teaching-learning process of these children, as well as, for the process of an increasingly more inclusive society. For further support, we have the contributions of authors dealing with the referred subject, such as: Polia (2019); Ávila-Nóbrega (2017; 2018); Cândido (2004); Brazil (2014); Rotta (2002); Leite and Prado (2004), among others cited in the course of this work.

**Keywords:** Chronic non-progressive encephalopathy. Multimodality. Alternative communication. Learning.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: Jessica\_16pequeno@outlook.com.



## 1 INTRODUÇÃO

O motivo pelo qual escolhemos nosso tema de pesquisa se justifica pela sua relevância tanto para nossa área de atuação no curso de Letras Português, a Aquisição da Linguagem, e para os demais campos do conhecimento, quanto pelo nosso percurso no âmbito pessoal e profissional. Desta forma, escolhemos trabalhar a Encefalopatia Crônica Não Progressiva (ECNP), popularmente conhecida pelo termo Paralisia Cerebral (PC).

A ECNP é uma patologia que descreve várias alterações motoras resultantes de uma lesão não progressiva nos cérebros em desenvolvimento. As sequelas neurológicas decorrentes dessa lesão favorecem a ocorrência de outras condições associadas, como, por exemplo: a deficiência cognitiva, distúrbios auditivos, visuais, comunicativos e comportamentais, assim como a presença de crises convulsivas (ROTTA, 2002, p. 51).

O despontar pela área da Aquisição da Linguagem, assim como pela escolha do tema do presente artigo, deu-se, inicialmente, a partir do trabalho desempenhado junto a Prefeitura Municipal de Riachão-PB, na função de Visitadora (durante o período de agosto de 2016 a dezembro de 2019), no acompanhamento residencial quinzenal, realizado a uma criança com ECNP, por meio do Programa Federal, qual seja, o Programa *Criança Feliz*, o qual foi criado em março de 2016, através da Lei nº 13.257/2016, e atuante na referida cidade, desde agosto do mesmo ano. Tal acompanhamento despertou-me o interesse de investigar mais profundamente a ECNP e, como crianças com essa patologia conseguem mediatizados pelos vários modos de interação desenvolver sua capacidade com vistas à linguagem, desmistificando, assim, a visão errônea e estereotipada que se tem de pessoas com ECNP, tal seja, de que não dispõem de linguagem.

O mencionado programa tem como público-alvo, a saber: gestantes, crianças de até 03 (três) anos e suas famílias, e crianças de até 6 (seis) anos e suas famílias beneficiárias do Benefício Prestação Continuada (BPC). O objetivo é realizar o acompanhamento e desenvolvimento do público infantil nas residências das famílias cadastradas, no Programa Criança Feliz, de modo que sejam valorizadas as interações familiares com a criança, bem como, identificar, recomendar e construir atividades comunicativas com a família que estimulem os vínculos e o desenvolvimento infantil. Este trabalho é realizado pelas visitadoras, sob orientação de um supervisor; as visitas consistem, ainda, em uma ação planejada, sistemática e com metodologia específica, baseada no CDC (Cuidados para o Desenvolvimento da Criança), elaborada e cedida ao Brasil pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).

Posteriormente, esse despontar seguiu pelo nosso percurso acadêmico, quando cursamos o componente curricular eletivo “Tópicos Especiais em Linguística”, em que nos foram apresentados estudos de referência em aquisição da linguagem, na perspectiva da multimodalidade, como a noção de “Envelope Multimodal”, proposto por Ávila Nóbrega (2018) em sua pesquisa intitulada: O Estudo do Envelope Multimodal como uma Contribuição para a Aquisição da Linguagem.

Em meio a esta justificativa ora apresentada, traçamos os objetivos gerais e específicos para nortear a pesquisa do presente trabalho. Sendo assim, como objetivo geral para este trabalho buscamos pesquisar teoricamente a Encefalopatia Crônica Não Progressiva no contexto de ensino na perspectiva da comunicação alternativa e da multimodalidade. Como forma de sustentação para o nosso objetivo geral, temos como objetivos específicos, a saber: explorar conceitos básicos sobre a linguagem da pessoa com ECNP; verificar como ocorre a educação regular e inclusiva dessas pessoas e compreender como ocorre a multimodalidade no desempenho de sujeitos com ECNP. Assim, para a presente pesquisa, foi necessária uma metodologia de levantamento bibliográfico.

É sabido que vários aspectos são preponderantes para nosso desenvolvimento, tanto físicos quanto cognitivos. Nesse sentido, entendemos que em se tratando da aquisição da linguagem de uma criança esses aspectos agem entrelaçadamente de modo a propiciar diferentes formas da criança interagir socialmente.

A interação é um processo pelo qual compreendemos o funcionamento da linguagem, para tanto, é imprescindível que consideremos a linguagem em todas as suas modalidades. A junção de todas essas formas, ou melhor, dessa multimodalidade da linguagem, desempenhará um papel significativo para a construção de sentido na interação. Partindo desse ponto de vista e considerando que uma criança com desenvolvimento atípico consegue desenvolver sua capacidade linguística de comunicar-se, adotamos como sendo multimodal a aquisição da linguagem.

Nas crianças com desenvolvimento atípico, como as com ECNP, o desenvolvimento multimodal da linguagem é ainda mais significativo, pois nos casos severos em que as crianças não conseguem verbalizar, estas utilizam outras formas de comunicar-se, e para que compreendamos o sentido passado através das formas utilizadas por elas, precisamos estar inseridos em um contexto interativo que considere a linguagem como sendo multimodal.

Adiante, apresentamos o contexto histórico acerca da ECNP, abordando características intrínsecas a essa patologia, além de justificar com base em alguns autores a preferência pelo uso do nome científico em relação ao termo popularmente consagrado.

## **2 PARALISIA CEREBRAL OU ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA**

Neste tópico, apresentamos a contextualização histórica da encefalopatia crônica não progressiva (ECNP), sua definição e características. Abordamos as mudanças que ocorreram quanto à nomenclatura mais apropriada para referir-se a essa patologia e explicamos nossa preferência pelo uso do nome científico. Para construção deste capítulo, respaldamo-nos nas pesquisas dos seguintes autores: Polia (2019), Rotta (2002), Cândido (2004) e Brasil (2014), os quais apresentam contribuições relevantes sobre a ECNP, além de apresentarem aspectos essenciais da patologia em questão.

### **2.1 Histórico**

Na literatura pesquisada acerca da ECNP, nomes como do ortopedista Willian John Little e do neurologista Sigmund Freud, são tidos como referência nos estudos sobre essa patologia. No entanto, de acordo com Polia (2019) outros precursores são apontados historicamente nos estudos.

Segundo Scherzer (2001, apud POLIA, 2019, p. 34), a mais antiga referência de ECNP encontra-se em uma figura de nome Estela Volitiva XIX, localizada no museu Ny Carlsberg Glyptotek, na Dinamarca, cuja figura apresenta uma deformidade conhecida clinicamente como “pé equino”, sendo caracterizada como uma das formas topográficas da ECNP, a hemiplegia espástica.

Segundo o autor mencionado acima, outra referência é o trabalho *Les difformes et les malades dans l'art* (“os deformados e os doentes na arte”) do médico francês, Jean Martin Charcot, que também fala de uma imagem de um monumento egípcio com deformidades em ambos os pés e atrofia nas pernas, características da diplegia espástica, outra forma da ECNP. Vale ressaltar que, mesmo que este autor aponte essa vinculação, esses quadros não necessariamente são considerados sequelas obrigatórias da ECNP (POLIA, 2019).

Posteriormente, em 1943, o ortopedista inglês de nome William Little apresenta seus primeiros relatos sobre uma investigação realizada em crianças quanto à existência de comprometimentos motores cerebrais no período que compreende à primeira infância. Essa

condição é caracterizada principalmente por rigidez muscular, dificultando o controle de diversos movimentos devido à lesão ocasionada no cérebro em desenvolvimento (CÂNDIDO, 2004).

Na investigação, observou-se a relação desses comprometimentos com o momento do parto. Little então sugeriu que essa condição resultaria de asfixia perinatal, ou seja, da pouca oxigenação no cérebro, levando a danificação dos tecidos cerebrais e afetando assim os movimentos (CÂNDIDO, 2004). Após a constatação, Little buscou aprofundar seus estudos em umas das formas da espasticidade, a diplegia espástica. Entretanto, esta foi chamada de “Síndrome de Little” em sua atribuição.

Ulteriormente, o neurologista Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, sugeriu, em 1893, com a publicação do texto – “paralisia cerebral infantil” –, o uso do termo “paralisia cerebral”, em que Freud foi além da constatação feita por Little sobre a diplegia espástica e apresentou outras condições associadas à paralisia cerebral, como a malformação do sistema nervoso. Ele, pela primeira vez, associou a ECNP às causas de malformações intrauterina do feto, e ainda provou o desenvolvimento normal de crianças que apresentaram casos de anóxia no momento do parto, derrubando assim a teoria defendida por Little (POLIA, 2019).

Mesmo que a expressão “paralisia cerebral” tenha sido proposta por Freud, o uso desse termo foi consagrado, em 1946, pelo médico Phelps, com o objetivo de utilizá-lo na diferenciação com outra patologia existente na época, a paralisia infantil, que consiste em paralisias flácidas ocasionadas pelo vírus da poliomielite, mas que também apresentava como consequência sequelas motoras (CÂNDIDO, 2004).

No que tange a consagração do termo PC e as modificações, posteriormente, propostas quanto à nomenclatura dessa patologia, das quais trataremos no tópico a seguir, concordamos com Rotta (2002) quanto as pessoas com ECNP constituírem um grupo heterogêneo, mas possuírem um elo em comum, que é a predominância dos sintomas motores associados à diferentes combinações.

## **2.2 Do termo PC ao nome científico ECNP: definição e características**

Neste tópico, objetivamos apresentar os aspectos mais intrínsecos à ECNP, ou seja, sua definição e características, assim como justificar com base em Cândido (2004) e Polia (2019) o motivo da escolha do nome científico para tratar dessa patologia.

A ECNP, popularmente conhecida pelo termo Paralisia Cerebral (PC), é uma patologia que descreve vários comprometimentos “motores” resultantes de uma lesão não progressiva nos cérebros em desenvolvimento. Segundo O’Shea (2008, apud BRASIL, 2014, p. 8), a incidência dessa patologia é de dois para cada 1000 nascidos vivos, sendo a causa mais comum de deficiência física na infância.

O uso do termo “paralisia cerebral” gerou várias discussões entre muitos autores, por ser considerado por eles inadequado quanto ao que realmente acontece nessa patologia. De acordo com Polia (2019, p. 37) esse termo “reflete uma falsa representação do que ocorre em nível cerebral, visto que ele não se encontra paralisado/parado, porém, no senso comum é o que essa expressão denota”. No entanto, ele ainda é útil para diferenciar a paralisia cerebral das encefalopatias crônicas progressivas, decorrentes de patologias com degeneração contínua (CÂNDIDO, 2004). Após todas as discussões, o nome que melhor representa essa patologia foi definido em 1959, no Simpósio de Oxford, passando a ser cientificamente conhecido pelo nome de Encefalopatia Crônica Não Progressiva e sendo conceituada como:

Sequela de uma agressão encefálica, que se caracteriza, primordialmente, por um transtorno persistente, mas não invariável, do tono, da postura e do movimento, que aparece na primeira infância e que não só é diretamente secundário a esta lesão não

evolutiva do encéfalo, senão devido, também, à influência que tal lesão exerce na maturação neurológica (ROTTA, 2002, p. 48).

Acerca disso, os comprometimentos que interferem na maturação do SNC decorrem de fatores endógenos e exógenos e se apresentam em diferentes proporções em todas as pessoas com sequelas da ECNP. Em se tratando dos fatores endógenos, o fator que deve ser considerado é a do potencial genético herdado, ou seja, a disposição maior ou menor que o cérebro tem para se lesar. Para melhor compreensão, Rotta (2002) contribui ressaltando que:

Esse é o conceito de continuum de lesão de Knoblock e Passamanick. O indivíduo herda, portanto, um determinado ritmo de evolução do sistema nervoso. Junto com as potencialidades de sua atividade motora, instintivo-afetiva e intelectual, herda também a capacidade de adaptação, ou seja, a plasticidade cerebral, que é à base da aprendizagem (ROTTA, 2002, p. 49).

Quanto aos fatores exógenos, o fator que deve ser considerado é o tipo de comprometimento cerebral, que será determinado de acordo com o momento em que o agente atua, sua duração e sua intensidade (ROTTA, 2002). Nessas condições, três momentos são apresentados como origem das causas da ECNP, os períodos do pré-natal, perinatal e pós-natal, (trataremos melhor desses períodos no próximo capítulo).

Segundo Rosenbaum *et al.* (2007, apud POLIA, 2019, p. 40) as sequelas neurológicas decorrentes dessa lesão favorecem a ocorrência de outras manifestações associadas, como a deficiência intelectual, os distúrbios auditivos, visuais e comunicativos, assim como a presença de crises convulsivas. No entanto, mesmo que essas condições estejam associadas, não necessariamente estarão presentes. Desta forma, corroboramos com Brasil (2014) quando afirma não haver uma correlação direta entre o repertório neuromotor e o repertório cognitivo, como é subentendido no senso comum, podendo inclusive ser minimizados com a utilização de tecnologia assistiva adequada à pessoa com ECNP.

Além dessas sequelas, outras características estão implicadas a ECNP, comprometendo o desenvolvimento de acordo com a área cerebral lesionada e o tônus muscular, podendo ser caracterizado nas formas espásticas (lesão no sistema piramidal), discinéticas (lesão no sistema extrapiramidal) ou atáxicas (disfunção no cerebelo) (POLIA, 2019).

A forma espástica é a que apresenta maior ocorrência, acometendo 75% das crianças com essa patologia (ROTTA, 2002). É caracterizada por rigidez muscular e por ser predominante nas crianças nascidas a pré-termo (SCHOLTES *et al.*, 2006, apud POLIA, 2019).

A discinética caracteriza-se por movimentação atípica e engloba a distonia e coreoatetose. Nesse quadro, podemos encontrar uma hipotonia, ou seja, o desenvolvimento da flacidez muscular na fase infantil, podendo mudar na fase adulta para uma hipertonia, causando uma rigidez no músculo (ROSENBAUM *et al.*, 2007, apud POLIA, 2019, p. 41).

Por fim, a forma atáxica é caracterizada por movimentos incoordenados, tremor intencional e marcha de ébrio, havendo também a presença da hipotonia e um atraso das habilidades motoras e da linguagem. Assim, quanto maior o comprometimento motor, maiores são as chances de haverem as deficiências associadas (REBEL *et al.*, 2010).

Em se tratando do uso do termo PC, reconhecemos sua universalização até mesmo nas buscas realizadas nas plataformas virtuais, como em título de trabalhos científicos, etc. No entanto, corroboramos com Polia (2019) e Cândido (2004) em empregar o termo científico encefalopatia crônica não progressiva por ser considerado mais adequado para tratar essa patologia, visto que considera de fato as lesões e as sequelas neurológicas presentes nos

cérebros em desenvolvimento, deixando claro seu caráter persistente, mas não evolutivo, evitando reforçar a ideia de que ele não está funcionando, ou que se encontra parado.

### 3 ETIOLOGIA E PROGNÓSTICO PARA ECNP

Estudos apontam que as causas da ECNP podem apresentar etiologias variadas. Logo, a origem dessas causas pode estar relacionada aos períodos pré-natal, perinatal ou pós-natal. Em se tratando desses períodos, Rotta (2002) destaca as possibilidades etiológicas mais frequentes quanto ao momento em que o cérebro, ainda em desenvolvimento, é lesionado. Como veremos, de acordo com a tabela 1 a seguir:

**Tabela 1 - Causas de paralisia cerebral**

---

<b>1 - Causas pré-natais</b>
diminuição da pressão parcial de oxigênio
diminuição da concentração de hemoglobina
diminuição da superfície placentária
alterações da circulação materna
tumores uterinos
nó de cordão
cordão curto
malformações de cordão
prolapso ou pinçamento de cordão
<b>2 - Causas perinatais</b>
<i>Fatores maternos</i>
idade da mãe
desproporção céfalo-pélvica
anomalias da placenta
anomalias do cordão
anomalias da contração uterina
narcose e anestesia
<i>Fatores fetais</i>
primogenidade
prematuridade
dismaturidade
gemelaridade
malformações fetais
macrossomia fetal
<i>Fatores de parto</i>
parto instrumental
anomalias de posição
duração do trabalho de parto
<b>3 - Causas pós-natais</b>
anóxia anêmica
anóxia por estase
anóxia anoxêmica
anóxia histotóxica

---

**Fonte:** ROTTA (2002, p. 50)

Para que possamos entender as causas da ECNP e, até mesmo como forma de compreendermos o processo de desenvolvimento das crianças com essa patologia, faz-se necessário considerarmos alguns fatores que podem ser decisivos para a origem da ECNP.

Fatores esses que vão desde a formação do feto ainda no ventre da mãe, ou seja, no período gestacional, até o período que compreende a primeira infância.

Em se tratando do período pré-natal, fatores como infecções e parasitoses, intoxicações, radiações, traumatismos e fatores maternos são considerados os principais fatores etiológicos que incidem sobre o SNC nesse período gestacional (ROTTA, 2002).

Segundo Cândido (2004) as causas pré-natais são secundárias as complicações como infecção congênita, sofrimento fetal secundário a problemas obstétricos, entre outros, e todas essas complicações podem interferir, no que se refere ao feto, no desenvolvimento adequado do cérebro. Assim, é de extrema importância o diagnóstico precoce de infecções e demais complicações no período gestacional de modo a diminuir os efeitos que estas podem causar nos recém-nascidos.

De acordo com Leite e Prado (2004), a depender da intensidade e do período gestacional, duas condições estão associadas à etiologia da ECNP, a hipoxemia e a isquemia. A hipoxemia se dá devido à diminuição de concentração de oxigênio no sangue, e a isquemia pela diminuição da perfusão de sangue no cérebro. Ambas levam ao comprometimento cerebral.

No período perinatal, as causas estão mais relacionadas à prematuridade ou a asfixia. Segundo Rotta (2002) a asfixia crônica, que ocorre durante a gestação, leva o recém-nascido a apresentar maiores comprometimentos cerebral. Um teste muito utilizado na neonatologia para avaliação do recém-nascido, inclusive em nível mundial, é a escala de Apgar, e esta é responsável por observar frequência cardíaca, esforço respiratório, tônus muscular, resposta reflexa ao cateter e cor da pele, para avaliação do SNC e do sistema cardiovascular (CÂNDIDO, 2004).

No período pós-natal a principal causa é a infecção no SNC, causada pelas meningoencefalites bacterianas. Devido à dificuldade em ser diagnosticada nos primeiros meses de vida da criança, essa infecção pode passar despercebida e só se revelar posteriormente por suas sequelas ou caso seja realizado exame que identifique o passado dessa infecção no SNC (CÂNDIDO, 2004).

Segundo Rotta (2002), nesse período, os fatores etiológicos que devem ser considerados são os distúrbios metabólicos, as infecções, as encefalites pós-infecciosas e pós-vacinais, a hiperbilirrubinemia, os traumatismos cranianos encefálicos, as intoxicações, os processos vasculares e a desnutrição.

Na ECN o prognóstico é considerado de acordo com a gravidade do comprometimento cerebral, mais precisamente quanto aos aspectos físicos, cognitivos e sensoriais (REBEL et al. 2010). Levando-se em conta os membros atingidos por esse comprometimento, podemos ter: Paraplegia (membros inferiores); Triplegia (três membros); Quadriplegia (quatro membros); Hemiplegia (dois membros do mesmo lado); Monoplegia (um membro) e Hemiplegia dupla (dois membros do mesmo lado, mais um membro superior).

As limitações existentes no processo de desenvolvimento das crianças com ECNP podem estar relacionadas ao grau de comprometimento global com o qual o cérebro foi afetado, podendo ser leve, moderado e severo. Dentre os fatores que influenciam no prognóstico, a quadriplegia espástica, que é uma das formas mais graves da ECNP, é a que apresenta o pior prognóstico.

Em se tratando do prognóstico motor, Rebel et al. (2010) diz que nas crianças com essa patologia, a independência funcional é inversamente proporcional ao grau de comprometimento das estruturas encefálicas. Logo, este quadro é considerado de bom prognóstico, ainda que alguns fatores sejam decisivos e interfiram no desenvolvimento da criança. Este autor ainda considera a importância da condução de uma avaliação específica e ressalta que:

Além da relação direta entre o prejuízo motor e o nível de gravidade da PC, deve-se considerar também as seguintes variáveis: influência cognitiva sobre o desempenho motor; presença ou não de epilepsia; condição socioeconômica da família; realização ou não de tratamento com equipe de reabilitação e as necessidades assistenciais na vida diária que influenciam a independência funcional (REBEL et al., 2010, p. 348).

No tocante a essa questão, cabe ressaltar que nas pessoas com ECNP, a gravidade com a qual o cérebro é atingido é totalmente considerada para a expectativa de vida dessas pessoas. De acordo com os dados, 87% dessas pessoas sobrevivem até os 30 anos, e, aproximadamente 85% dos que passam dos 20 anos sobrevivem até os 50. É tanto que, as que apresentam as formas mais graves são as que possuem o pior prognóstico, e são também as que apresentam menos chances de chegarem à fase adulta (REBEL et al., 2010).

Ainda no que diz respeito a essa gravidade, um sistema muito utilizado e de referência clínica é o Gross Motor Function Classification System (GMFCS) (Sistema de classificação da função motora grossa). Esse sistema é responsável por classificar os níveis de gravidade com a qual o cérebro é acometido. Essa classificação considera a mobilidade da criança e se dá em cinco níveis, que vai desde o nível 01, onde a criança é totalmente independente, até o nível 05, em que a criança necessita de total dependência para se locomover.

Segundo Rebel et al. (2010), melhores resultados podem ser alcançados quanto ao prognóstico de crianças com ECNP, a depender do tratamento adequado da equipe de reabilitação, com foco principalmente no tratamento fisioterapêutico. Ressaltamos, inclusive, a importância do envolvimento de vários outros profissionais, tais como: pediatras, nutricionistas, oftalmologistas, fonoaudiólogos, psicólogos, ortopedistas, psicopedagogos, entre outros.

Em adição, corroboramos com Cândido (2004) em seus pressupostos quanto à importância de uma equipe de tratamento multidisciplinar, pois consideramos essencial o empenho de todos os profissionais nesse processo, contribuindo, desta forma, para um melhor desenvolvimento dessas pessoas em todos os seus aspectos.

Logo, considerando a significância de pesquisas que levem em consideração o desenvolvimento de ensino-aprendizagem e inclusão destes indivíduos na sociedade, buscamos também abordar o viés de inclusão no espaço escolar como forma de oportunizar em condições de igualdade o acesso a um ensino-aprendizagem que promova o protagonismo destes indivíduos no seio familiar, escolar e social.

Para tanto, ressaltamos a necessidade em compreender os fatores clínicos intrínsecos a essa patologia como forma de encontrar alternativas eficientes de se trabalhar com essas pessoas, possibilitando uma ampliação de ferramentas e recursos alternativos para o desenvolvimento das habilidades de pessoas com ECNP, sejam elas comunicativas, cognitivas, motoras e/ou sensoriais.

Ainda no que tange o desenvolvimento do nosso trabalho, além do cunho bibliográfico, corroboramos para uma pesquisa qualitativa que resultará em uma produção de saber contribuinte para as práticas pedagógicas, assim como, também, para o reconhecimento do uso dos diversos recursos de linguagem na vida cotidiana, como ferramenta de inclusão destas crianças com essa patologia, tanto no espaço escolar como em quaisquer meios sociais que estejam inseridas.

#### **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa segue o tipo bibliográfico, abrangendo fundamentalmente, toda a bibliografia já produzida e publicada em relação ao nosso tema de estudo. De acordo com Manzo (1971, apud LAKATOS, 2003, p. 183), a bibliografia pertinente “oferece meios para



definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”. Dessa forma, pretendeu-se com a pesquisa bibliográfica analisar a produção científica na área de Multimodalidade e de Aquisição da Linguagem ligadas especificamente à encefalopatia crônica não progressiva.

Segundo Lakatos (2003, p. 183), esse tipo de pesquisa “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”, além de fornecer aos pesquisadores diversos dados que exigem “manipulação e procedimentos diferentes”. Assim, a produção desse trabalho foi desenvolvida seguindo algumas etapas, conforme delineado adiante.

A escolha do tema foi definida de acordo com o interesse pessoal de valor teórico do pesquisador e aceito pelo orientador, que orientou e contribuiu significativamente para o desenvolvimento desta pesquisa. Posteriormente, realizou-se o levantamento bibliográfico, que seguiu alguns critérios de inclusão e exclusão, seguindo com a leitura do material que foi dada pela temática evidenciada, inicialmente, pelo próprio título do trabalho, e depois pela leitura do resumo e do corpus do texto. Após a leitura na íntegra, realizou-se um refinamento que considerou os trabalhos que traziam dados mais significativos para essa pesquisa. Por fim, a elaboração do presente estudo, o qual foi fundamentado nos autores citados no decorrer deste trabalho.

#### **4.1 Levantamentos Bibliográficos**

O levantamento bibliográfico seguiu o delineamento que utiliza as bases bancos de teses da Scientific Electronic Library Online (SCIELO), da Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES). O motivo pelo qual escolhemos essas três plataformas se deu pelo fato de, além de serem de muito uso, serem comuns entre os pesquisadores na área de linguagem. Houve critério de restrição de idioma e de ano de publicação, sendo considerado preferencialmente o idioma português, mas também os trabalhos em inglês com tradução em português e os anos de publicação de 2010 a 2020.

Como critério de busca, decidimos utilizar os descritores: Paralisia Cerebral e Aquisição de Linguagem. Ressaltamos nossa justificativa em não utilizar o nome científico encefalopatia crônica não progressiva como descritor em nosso critério de busca, pois na maioria das produções ainda é comum o uso do termo paralisia cerebral. E ainda, pelo motivo de quase não serem encontradas produções com a palavra-chave ECNP nessas plataformas. Ressaltamos ainda que, obtivemos poucos resultados com os descritores escolhidos, o que nos levou a decidir por “Paralisia Cerebral e Linguagem”. A seguir, apresentamos nosso processo de busca e os resultados encontrados nas três plataformas.

Na plataforma LILACS, foram encontradas 29 produções, das quais 13 trazem o uso da comunicação alternativa em diferentes perspectivas nos contextos clínicos, educacionais e familiares, os demais discutem diferentes perspectivas sobre a paralisia cerebral, principalmente sob a visão de fonoaudiólogos, abordando questões comunicativas, sensoriais e neurofuncionais desses indivíduos.

No portal de periódicos da CAPES, encontramos 17 trabalhos com esses descritores, dos quais 11 também trazem o uso da comunicação alternativa. Quanto aos demais, 3 abordam questões clínicas sobre as habilidades desses indivíduos, e os outros 3 trazem discussões referentes ao processo de comunicação e avaliação no contexto educacional.



Na plataforma SCIELO, a quantidade obtida foi de 13 produções acadêmicas, de modo que o uso da comunicação alternativa <sup>2</sup>também é abordado em 6 desses trabalhos. Os demais trazem as práticas desenvolvidas com esses indivíduos no processo de aquisição da linguagem nos contextos sociais nos quais se encontram inseridos, desde o familiar até o educacional, e ainda o olhar clínico para com essas pessoas.

Salientamos que nas plataformas utilizadas para o levantamento bibliográfico do nosso trabalho, algumas produções são encontradas, respectivamente, nas três bases de dados, sendo contabilizadas individualmente em cada uma delas. No total, foram encontradas 59 produções acadêmicas, das quais 10 se encontram nas três plataformas; das 29 encontradas na Lilacs: 10 se repetem na Capes e 11 se repetem na Scielo; das 17 existentes na Capes: 11 estão na Scielo e dos 13 trabalhos encontrados na Scielo, 11 são identificados na Capes. Apenas 16 desses trabalhos não se repetem nessas plataformas.

Dentre os resultados obtidos, destacamos uma maior atenção para as produções que trazem o desenvolvimento da linguagem e respectivamente da aprendizagem das crianças com ECNP no contexto educacional, pois concordamos que elas dão maior sustentação ao nosso trabalho, além de serem essenciais para a compreensão da discussão que pretendemos despertar com essa pesquisa.

Vasconcellos e Del Ré (2017) apresentam o processo de aquisição da escrita de uma criança com paralisia cerebral a partir de textos, trazendo como resultado produções textuais realizadas por essa criança que revelam tantos efeitos do texto base quanto das suas singularidades.

Carvenalle et. al. (2013) buscou investigar a visão de professores sobre a linguagem de crianças com ECNP e qual o conhecimento que estes profissionais tinham sobre a comunicação alternativa <sup>3</sup>e quanto ao uso desse recurso nos casos com essa patologia. Definiu com base nas entrevistas realizadas, seis eixos de análise que resultaram na visão de que a linguagem dessas crianças se predominava através da gestualidade, expressão facial e direcionamento do olhar. Destacaram ainda o desconhecimento por parte dos professores sobre a comunicação alternativa, assim como sobre o uso adequado desse recurso. Por fim, concluíram sobre a necessidade de formação continuada e especializada na área da comunicação alternativa e também do conhecimento sobre as várias formas de linguagem existentes e utilizadas no processo de interação.

Silva et. al. (2013) buscou analisar a interação professor-aluno com ECNP no espaço da sala de aula comum, através da implementação do sistema de comunicação alternativa, avaliando e comprovando a eficácia antes e depois da utilização desse recurso, na interação entre ambos, de modo a possibilitar uma maior participação desse aluno nos diversos contextos sociais em que esteja inserido.

Vasconcellos (2017) traz uma discussão sobre os efeitos de um corpo pulsional viabilizado através da clínica de linguagem, que também traz o uso da comunicação suplementar e alternativa através dos sistemas de símbolos gráficos visuais para que seja possível a materialização do significante pela via de empréstimo de um corpo-linguagem.

Ponsoni; Samishina e Deliberato (2010) abordam o uso da comunicação suplementar e alternativa como recurso facilitador para a aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças com paralisia cerebral. Em seus estudos, foram adaptadas duas histórias com figuras do programa Boardmaker-Picture Communication Symbols. Segundo as autoras o reconto das

---

<sup>2</sup> Conjunto de tecnologias, recursos e práticas articulados para ajudar pessoas que não possuem habilidades com a fala funcional ou comunicativa.

histórias ampliou o repertório lexical e o uso de outras formas de expressão, favorecendo uma melhor interação desses alunos.

Por outro lado, Cunha; Santarosa e Lima (2017) propõem a identificação de possíveis contribuições que poderiam ser dadas para o processo de comunicação alunos com paralisia cerebral em ambientes digitais na rede de regular de ensino. Foi utilizada uma rede social mediada pelo terapeuta que possibilitou o contato virtual de ambos juntamente com os demais alunos. Segundo os autores, foi possível observar algumas dimensões sobre a linguagem oral, leitura e escrita, assim como o próprio desenvolvimento social desses alunos. Possibilitou inclusive a apropriação de novos conceitos e ainda o contato com novas tecnologias.

Por seu turno, Mattoso; Bruno e Nozu (2020) avaliam as necessidades educacionais específicas para uma criança indígena com paralisia cerebral e baixa visão, indicando inclusive algumas orientações para inclusão e aprendizagem dessa criança na educação infantil. Houve a observação e a elaboração de instrumentos adaptados à essa criança, e logo após foram dadas orientações a cerca de atividades, adaptações de recursos e materiais pedagógicos, além de estratégias de interação, comunicação, linguagem, uso funcional da visão, do desenvolvimento como um todo.

No próximo tópico abordamos a Multimodalidade e a comunicação alternativa como aspectos preponderantes para serem considerados no que tange ao desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem de crianças com ECNP, embasada nos autores que serão mencionados a seguir.

## **5 MULTIMODALIDADE E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NA ECNP**

Neste capítulo, discorreremos sobre a linguagem e seus modos de funcionamentos e como eles contribuem para o desenvolvimento das pessoas com ECNP, reconhecendo-os como sujeitos de linguagem. Também abordamos a Multimodalidade, tema que embasa este trabalho e dá sustentação a partir de autores como Melo (2011), Ávila-Nóbrega (2017; 2018), Nogueira (2017), Polia (2019). Por fim, discutimos o uso da comunicação alternativa como um recurso essencial para aprendizagem de crianças com ECNP na perspectiva da multimodalidade.

### **5.1 O desenvolvimento da linguagem na ECNP**

Estudos sobre a temática ora trabalhada, apresentam alguns aspectos relevantes para o desenvolvimento da linguagem, tais como: a integridade do SNC, o processo maturacional, a integridade sensorial, as habilidades cognitivas e intelectuais, o processamento das informações ou aspectos perceptivos, os fatores emocionais e as influências do ambiente (BRASIL, 2014). A integração sensorial, por sua vez, é uma condição para as etapas do desenvolvimento e dos processos de aprendizagem, que, de acordo com Luria (1966, apud POLIA, 2019, p. 67), tem início ainda no útero materno e percorre na vida extrauterina por meio dos processos de aquisição como os gestos, a visão e as palavras.

Há ainda, uma relação intrínseca e permanente entre motricidade e linguagem, de modo que a origem das competências motoras é o que promove o surgimento das competências comunicativas, ambas responsáveis pela exploração, identificação e manipulação de diferentes objetos. Já no que diz respeito às dificuldades de aquisição, estas podem estar ligadas à presença de reflexos primitivos, ao atraso para o controle motor da cabeça, para sentar-se sem apoio, para a marcha independente e à presença de movimentos involuntários (BRASIL, 2014).

Nas crianças com ECNP, as dificuldades motoras limitam suas experiências no que diz respeito à interação com pessoas, manipulação dos objetos, domínio do próprio corpo entre

outras limitações. Em se tratando da aquisição da linguagem, esta pode estar atrasada, podendo apresentar transtornos de articulação, respiração, voz, fluência e prosódia, e ainda, a depender da diversidade de manifestações motoras, estas podem se manifestar também na linguagem, afetando tanto a fala como a voz, como também a própria aquisição da linguagem (POLIA, 2019).

Quanto ao desenvolvimento comunicativo das crianças com ECNP, estas constituem um grupo heterogêneo, no entanto, algumas considerações gerais se fazem necessárias para a compreensão desse desenvolvimento. Para tanto, Brasil (2014) ressalta que:

O desenvolvimento perceptivo vai ocorrer por ações integradas do próprio organismo, incluindo visão e audição, as disposições psicomotoras, sendo estritamente dependentes da integridade sensorial, da estimulação ambiental e da maturação do sistema nervoso (BRASIL, 2014, p. 33).

Corroboramos com a fala de Brasil (2014), no que diz respeito ao desenvolvimento perceptivo, pois entendemos que a percepção favorecerá a interpretação dos estímulos de modo que a criança conseguirá, através dos canais sensoriais, identificar um estímulo alvo dentre tantos outros por meio de um processo de atenção e concentração, facilitando, assim, o armazenamento de informações que integradas construirão os modos de comunicação verbal e não verbal, dos quais fazemos uso e nos constitui como seres de linguagem.

## 5.2 Multimodalidade

A noção que por muito tempo prevaleceu nos estudos sobre língua e linguagem era a de que apenas o aspecto verbal da língua, ou seja, a fala e a escrita deveriam ser consideradas como linguístico. Os aspectos não verbais como os gestos, direcionamento do olhar, expressões faciais, movimentos corporais, entre outros modos, eram vistos apenas como “secundários” e até mesmo “acessórios”, nesses estudos, sendo passivo de escolha no momento de uso da língua (ÁVILA-NÓBREGA, 2018).

Várias vertentes começaram a investigar e trazer contribuições para a literatura da comunicação não verbal de modo a tornar linguístico o que antes não era considerado e ainda relacioná-los conjuntamente com a produção da fala. Assim, vários modos de funcionamento da linguagem passam a ser considerados na interação, de modo que há, como afirma Ávila-Nóbrega (2018, p.24) em sua proposta multimodal, uma mescla de “todos esses componentes em uma linha de produção”. Logo, corroboramos com o conceito de envelope multimodal trazido por este autor, visto que contribui significativamente com a perspectiva de multimodalidade que defendemos em nosso trabalho.

As relações sociais que construímos em nossa vida são aspectos preponderantes para nossa constituição como sujeitos de linguagem. Quando criança, essas relações são mediadas primordialmente no seio familiar, mais precisamente na relação mãe-bebê, pois é com quem a criança inicia suas experiências de trocas. Após, novos sujeitos integram essas relações, formando seu grupo social de convivência e interação.

Assim, no que tange a noção de multimodalidade, entendemos que no processo de interação utilizamos vários modos de comunicação, com vistas à produção de sentido. Dessa forma, considerando todas as formas de comunicação: verbal e não verbal, e como forma de atender a essa pluralidade de formas de interação que utilizamos, buscou-se no decorrer deste trabalho tratar a linguagem como sendo multimodal.

Quando bebês, a linguagem multimodal manifesta-se através de várias nuances como o mexer das mãos e pés, o balbuciar, o direcionamento do olhar, entre outros modos de manifestação que podem ser usadas conjuntamente no momento de produção e negociação de sentidos. Logo, concordamos com Polia (2019, p.76) ao admitir que “desde recém-nascida, a

criança já é um ser linguístico, contanto que esteja imersa em uma conjuntura na qual a noção de língua seja multimodal”.

Esses modos de comunicação, além de serem constitutivos da linguagem, funcionam de modo integrado, considerando o contexto interativo em que os sujeitos se encontram. Esse funcionamento multimodal da linguagem tem despertado ainda mais interesse nos contextos de interação de criança com algum distúrbio ou patologia, como é o caso das crianças com ECNP.

Diversos autores têm contribuído para o campo da multimodalidade com pesquisas que trazem o desenvolvimento linguístico de crianças atípicas. Dentre eles, apresentamos os trabalhos de Melo (2011), Ávila-Nóbrega (2017) e Nogueira (2017).

Melo (2011) analisou, a partir de comportamentos linguístico-interativos em uma díade mãe-bebê com síndrome de Möebius, a coconstrução do sentido e do gesto, a intersubjetividade e a intencionalidade presentes na relação diádica. Segundo a autora, foi possível presenciar momentos importantes de trocas em situações de humor, onde os participantes demonstraram seus estados internos através de sorrisos e risos. Tal fato é bem significativo, considerando que, uma das características patológicas presentes na síndrome de Möebius é a ausência/pobreza de expressões.

Ávila-Nóbrega (2017) traz em seu estudo o funcionamento de um sistema de referenciação multimodal construído a partir de cenas de engajamento e negociação de objetos de discurso com três crianças com síndrome de Down no atendimento clínico com fonoaudiológicos. De acordo com esse autor, ambos os sujeitos se utilizaram de estratégias multimodais no momento da interação como os gestos, o direcionamento do olhar, entre outras produções para referenciar um terceiro elemento.

Ainda no que diz respeito às contribuições sobre crianças com desenvolvimento atípico, Nogueira (2017) analisou o funcionamento da atenção conjunta em interações entre bebê surdo e mãe ouvinte e não usuária da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e como resultado, diz que a criança surda conseguiu interagir com a mãe ouvinte, produzindo e respondendo através dos recursos multimodais.

Concernente aos estudos apresentados, enfatizamos a contribuição dada para com o nosso trabalho, de modo que dão sustentação para discussões que poderão ser despertadas sobre o nosso objeto de pesquisa, a ECNP. Consideramos pertinente também ressaltar a importância do interlocutor no desenvolvimento da linguagem dessas pessoas.

Na comunicação de crianças com ECNP, o interlocutor desempenha papel significativo, pois precisam vê-las como sujeitos de linguagem e darem oportunidades dessas crianças se expressarem como tais, pois, na maioria das vezes, o interlocutor menospreza a habilidade dessas crianças de comunicar-se, impedindo-as de participarem de um momento de interação e troca entre ambos. É válido ressaltar que, nas crianças com essa patologia, a maior parte das interações tem por base os elementos não verbais, de modo que dão a elas um lugar de discurso no processo comunicativo (POLIA, 2019).

Assim, admitimos que a linguagem multimodal desempenha papel fundamental no processo de interação, de modo que facilita os processos cognitivos para a construção e compreensão de sentidos nos diversos contextos de interação dos sujeitos. Dentre eles, daremos, no decorrer deste trabalho, maior atenção para o contexto educacional, pois compartilhamos do discurso de que todas as pessoas, tenham elas um desenvolvimento típico ou atípico, conseguem desenvolver sua aprendizagem, mediante práticas educacionais inclusivas que atendam as especificidades de cada alunado.

Nesse sentido, apresentamos a seguir um sistema de comunicação muito utilizado no processo de aprendizagem de indivíduos com dificuldades comunicativas. Esse sistema faz uso de recursos alternativos ou até mesmo suplementares como forma de favorecer melhores resultados para esse processo.

### 5.3 Comunicação Alternativa

Ao longo desse trabalho temos discutido a importância em considerar alguns aspectos para a aprendizagem de pessoas com ECNP. Buscamos também nessa discussão defender de modo sensível e cuidadoso a inclusão de pessoas que possuem dificuldades de se comunicar através da linguagem habitual no espaço escolar.

Portanto, iniciamos balizando o conceito de Comunicação Alternativa<sup>4</sup> como conjunto de tecnologias, recursos e práticas articulados para ajudar pessoas que não possuem habilidades com a fala funcional ou comunicativa, por razão de alguma deficiência ou enfermidade.

A comunicação Ampliada e Alternativa (CAA), como também é conhecida, tem utilizado cartões e pranchas de comunicação, vocalizador e outros recursos para auxiliar nas habilidades de compreensão e expressão. O principal objetivo da aplicação das ações alternativas é tornar o indivíduo com deficiência o mais independente possível, aumentando suas possibilidades de interação com a sociedade como um todo.

É preciso amadurecer a ideia de que cada caso é um caso, portanto, devem ser tratados de formas diferentes. É nessa perspectiva que as práticas de comunicação alternativa devem ser pensadas, utilizando de forma correta as diversas técnicas e tecnologias disponíveis. Nesse sentido, Vasconcellos (2010, p.31) ressalta a necessidade “de levar em conta o que pode estar em questão no desenvolvimento da linguagem, o que implica considerar a relação sujeito-linguagem, ou melhor, aquele que é introduzido aos SAC e a natureza que se espera que ele adquira com a utilização desses sistemas” de modo a tornar eficaz esse processo.

Diversos recursos de comunicação alternativa têm sido utilizados por profissionais na área da educação como meio de incluir alunos com deficiências no contexto escolar. O uso desses sistemas tem proporcionado a imersão desses alunos no processo de ensino e aprendizagem, facilitando o ensino do conteúdo pedagógico planejado, através de adaptação dos materiais e até mesmo do próprio conteúdo.

A dinâmica metodológica de ensino é que todos os alunos aprendam aquilo que se é ensinado. No entanto, notamos no processo de ensino aprendizagem que, nem todos os alunos envolvidos nesta dinâmica aprendem da mesma forma e com a mesma facilidade que outros. Ou seja, muitas vezes é necessário mudar as dinâmicas como forma de facilitar a adaptação e inclusão.

Esses recursos, por sua vez, precisam considerar as características de cada usuário, pois em se tratando de pessoas com dificuldades na comunicação, esses impedimentos podem estar relacionados a fatores diferentes, e por isso a necessidade em conhecer cada caso. Portanto, precisamos de profissionais qualificados como professores, médicos, psicopedagogo, psicólogos, entre outros, que possam contribuir e participar do processo de adaptação e inclusão social dos indivíduos que se apresente com alguma deficiência ou patologia crônica ou progressiva.

Outro objetivo desse trabalho é discutir a inclusão desses indivíduos no ambiente escolar, de modo, que possam desenvolver habilidades aproximadas dos demais alunos. A propósito, para que haja inclusão de alunos com ECNP, de fato, é preciso conscientizar o grupo de alunado como um todo. Seria importante, por exemplo, um plano de aula que contemplasse recursos alternativos para todos os membros da sala.

Gomes e Barbosa (2006) critica à ausência de profissionais qualificados, de recursos e condições que contemplem os portadores de déficits motores. Ambos contribuem com a

---

<sup>4</sup> O termo Comunicação alternativa (CA) também é conhecido como Comunicação Ampliada e Alternativa (CAA); e Comunicação Suplementar Alternativa (CSA).

discussão que temos travado ao longo desse trabalho. Assim, de acordo com Gomes e Barbosa (2006):

A existência de barreiras a serem transpostas para a efetivação da proposta escolar inclusiva é compreensível, uma vez que se trata de um processo um tanto quanto recente no Brasil e ainda em andamento. Os percalços ficam ainda mais evidentes se considerarmos as limitações do sistema público de educação brasileiro. A inadequação das instalações e dependências de parcelas expressivas das escolas, uma vez que não se contemplam os espaços e condições para portadores de déficits motores, o despreparo do docente para lidar com PNEEs em geral, a carência de materiais básicos (livros, etc.) e de recursos tecnológicos avançados como computadores, a presença de uma prática pedagógica que não contempla a diversidade de necessidades educacionais e a ausência de equipe de apoio representam uma pequena amostra das barreiras a serem superadas na escola pública brasileira para o processo de inclusão escolar e PPCs e de outros PNEEs se torne uma realidade (GOMES; BARBOSA, 2006, p. 88).

Nessa direção, entende-se que seria necessária uma reflexão sobre a prática docente, buscando repensar as formas de ensino tradicional tão presente nos espaços escolares. Portanto, acreditamos que uma escola inclusiva contemplaria o atendimento especializado voltado para um público estudantil com alguma deficiência. O desenvolvimento de novas capacidades ou habilidades nos alunos com déficits motores ou não, contribuiria para a quebra de certas barreiras impostas pelas diferenças ou semelhanças do indivíduo social.

O termo “Sala de aula” já nos remete a ideia de inclusão das diferenças éticas, de cor, de raça e de aparência. Construir a relação de respeito pelas diferenças dos outros é ponto de partida para balizar a inclusão em sociedade, por isso, precisamos que a comunicação alternativa acompanhe o ritmo da vida contemporânea, promovendo autoestima social. Assim, a mensagem precisa chegar ao receptor com ampla compreensão e clareza.

Em contrapartida, não devemos esquecer que estamos lidando com seres humanos e, por isso, não basta, simplesmente, utilizar técnicas e recursos de qualquer maneira. As técnicas e os recursos precisam ser aplicados com fundamentação e responsabilidade inclusiva, buscando facilitar a comunicação entre os indivíduos de forma multimodal e baseado no respeito mútuo.

A prática da comunicação alternativa só pode ser empregada com êxito quando observadas as características do indivíduo com a patologia ou deficiência, sua família, seus desejos e convívio social. É a partir desse estudo de campo que realizaremos a escolha seletiva dos melhores recursos a serem utilizados, e assim, obtermos melhores e mais eficazes resultados.

É nesse sentido que ressaltamos a importância em apreender os efeitos que cada recurso de comunicação tem sobre a pessoa com deficiência, de modo a tornar mais significativo o processo de aprendizagem desses indivíduos. Existem várias técnicas e materiais de baixa e alta tecnologia disponíveis, e as novas tecnologias também trazem modelos inclusivos para os novos formatos de comunicação, como por exemplo, o uso de software como o Board Maker, de sinais manuais como a LIBRAS, de sistemas gráficos como o Pictogram Ideogram Communication Symbols (PIC) e o Picture Communication Symbols (PCS), dentre outros recursos disponíveis.

No próximo capítulo, discutiremos a importância de considerar os aspectos da multimodalidade e da comunicação alternativa no processo de aprendizagem de crianças com ECNP no contexto educacional.

## 6 A ESCOLA, O AEE E A ECNP

A educação de pessoas com necessidades especiais é fundamentada pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que trata dos direitos dessas pessoas à educação e preferencialmente dentro do sistema regular de ensino. É baseada ainda na concepção de direitos humanos de que todas as pessoas têm direito à educação, de forma que ela aconteça em condições de igualdade, não havendo nenhum tipo de discriminação e que atenda as diferenças e especificidades de cada indivíduo.

Mesmo que fundamentada em lei, o direito à educação de pessoas com deficiências, estas enfrentam dificuldades no que diz respeito ao acesso nos sistemas educacionais de ensino. Dificuldades que vão desde sua inserção no ambiente escolar até a organização estrutural do próprio espaço.

A saída desses indivíduos da sua realidade cotidiana e familiar até a chegada ao espaço escolar poderá causar estranhamento, pois a criança estará a participar de uma nova realidade de convivência. É comum o ser humano, durante o processo de adaptação de novas realidades e espaços, estranhar o novo. Na realidade, todas as crianças precisam passar por esse processo de aceitação, submetendo-se a novas realidades sociais e educacionais. O espaço escolar contempla o processo de aceitação e de adaptação, tanto de profissionais como dos colegas e do próprio ambiente em si.

Ressaltando Paulo Freire, estudioso que trata do processo de Ensino-Aprendizagem a partir das coisas simples do dia a dia, observamos que a relação entre educador e educando é algo extremamente importante no processo de inclusão, adaptação e ensino-aprendizagem. Portanto, é através do ato de ensinar que surge a necessidade de aprender. A necessidade de aprender caminha por dois paralelos: “doação” e a “busca”. Um, buscando trazer o outro à uma experiência que é necessária para o aprendizado. É preciso, como já discorrido ao longo da discussão, que o outro esteja disposto a ser acolhido, reconhecendo novas maneiras de construção de saberes a partir de sua identidade. Afinal, não é apenas uma transmissão do conhecimento, mas a troca dele com outras pessoas: novas experiências e novas aprendizagens.

Outro paradigma diz respeito à estrutura da própria escola, pois as maiorias delas ainda não atendem a uma estrutura inclusiva para os alunos com deficiência. Muitas não possuem adaptações que são essenciais nesse processo, quais sejam: as rampas de acesso às salas, banheiros, entre outras repartições, e até mesmo à própria escola. Para além destas deficiências na estrutura escolar, é preciso frisar que por vezes a própria gestão da escola, não busca amenizar os impactos causados ou deixados. Na realidade de ensino público e privado, uns dos principais impactos são a falta de profissionais qualificados para atender alunos/as com patologias diversas. Essa falta de profissionais qualificados impossibilita uma educação de qualidade, deixando déficits muitas vezes irreversíveis quanto ao ensino-aprendizagem.

No entanto, é necessário destacar as condições ofertadas para o atendimento educacional desses alunos especiais. Algumas escolas já possuem infraestrutura adequada para receber crianças com deficiências, dando-lhes acesso à locomoção dentro da escola, com ensino aprendizagem que corrobora para o desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência. Este ensino mencionado ocorre em sala de aula por parte do docente com o uso de recursos comunicativos diversificados, utilizados, inclusive, na sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado).

No entanto, ainda é grande o número de escolas que não possuem em sua organização essa sala, o que implica negativamente nas condições de aprendizagem e inclusão desses alunos. De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, mais especificamente, no artigo 2º é determinado que: “os sistemas de ensino devem matricular os estudantes, cabendo às escolas organizarem-se para o

atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos” (MEC/SEESP, 2001).

Assim, como forma de orientar a organização dos sistemas educacionais de forma inclusiva na Educação Básica, o Conselho Nacional de Educação - CNE institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado – AEE, determinando o público-alvo da educação especial: alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação; seu caráter complementar ou suplementar a escolarização e sua institucionalização no Projeto Político Pedagógico da escola (MEC/SECADI).

Outras questões estão relacionadas à formação e capacitação dos professores, as práticas pedagógicas adotadas e as próprias necessidades das pessoas com deficiência. É notória a existência de dificuldades por parte de alguns professores e até mesmo da escola em atender esses alunos, pois ao longo da formação acadêmica desses profissionais, não são ofertados componentes curriculares específicos para o atendimento de pessoas com deficiências em sala comum, de modo que dificulta o trabalho do professor com esses alunos.

Cabe ressaltar que essa dificuldade não pode ser tida como obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem desses discentes, pois é de competência do professor buscar meios que supram essas dificuldades, a exemplo da busca por capacitações para o trabalho específico com essas pessoas, assim como, por práticas pedagógicas e recursos que melhor viabilizem esse processo.

Destacamos inclusive o papel da escola em dar condições necessárias para uma formação continuada desses profissionais, viabilizando especializações, cursos de capacitações, dentre outros meios, que torne mais propício o acesso a uma educação inclusiva e com mais qualidade para estas crianças.

Após trazer a relevância da discussão sobre o papel da escola e do atendimento educacional especializado (AEE) no processo de inclusão e aprendizagem de crianças com deficiência, enfatizamos a importância em considerar os aspectos da multimodalidade e da comunicação alternativa no processo de ensino aprendizagem de crianças com ECNP. No tocante a esses aspectos, salientamos a necessidade de reconhecimento e incentivo do uso de várias outras modalidades da linguagem das quais utilizamos no momento da interação, de modo a não considerar apenas a fala como sendo o único meio de expressão da linguagem.

O reconhecimento por parte do professor/a sobre essa multimodalidade da linguagem utilizada pelos alunos com ECNP favorecerá de forma significativa a implementação dos recursos de comunicação suplementar e alternativa contribuindo para uma aprendizagem de qualidade e para uma inclusão escolar e social desses alunos.

Pesquisas no âmbito educacional sobre a linguagem de crianças com ECNP e também sobre o conhecimento e uso dos recursos de comunicação alternativa voltadas para essas pessoas foram realizadas pelos eminentes autores, a saber: Vasconcellos e Del Ré (2017); Carnevalle et al (2013); Silva et al (2013); Ponsoni; Samishina e Deliberato (2010); Cunha; Santarosa e Lima (2017); Mattoso; Bruno e Nozu (2020). É imprescindível também a discussão levantada por Vasconcellos (2017) no contexto de uma clínica de linguagem.

Nesses estudos, os usos dos recursos de comunicação alternativa tornaram-se imprescindíveis no que concerne a inclusão escolar e ensino-aprendizagem de crianças com ECNP. A implementação desses recursos proporcionou o desenvolvimento de habilidades e competências como a escrita, a leitura, a produção textual, a exploração de diversos ambientes e materiais, mas, principalmente corroborou com o reconhecimento de vários modos de linguagem como canais eficientes de comunicação pertencentes a esses indivíduos.

No que concerne o funcionamento da linguagem, concluímos que nesses estudos o processo de interação concretizou-se de forma multimodal, ou seja, englobando diversas modalidades de linguagem como a expressão facial, o direcionamento do olhar, a



gestualidade, entre outras formas que corroboram para o entendimento dessa perspectiva, assim como para enfatizar que somos seres multimodais.

Notamos que nessas pesquisas o olhar foi o principal recurso sensorial pelo qual as crianças com ECNP mantiveram suas interações, o que tange para o entendimento de que deve ser dada uma maior atenção para esse modo de linguagem, como também a importância em considerar esse aspecto para o processo de aprendizagem dessas crianças.

Cabe aqui mencionar também a contribuição dada por Polia (2019), em sua pesquisa, quando traz a discussão de que, nas hipóteses levantadas em seu trabalho sobre a dificuldade motora e a produção vocal, o olhar é tido como o principal meio pelo qual será sustentado o engajamento no momento da interação.

Diante todas as contribuições, ressaltamos a importância da multimodalidade como aspecto essencial para ser considerado no processo de ensino-aprendizagem das crianças com ECNP, pois podemos ver que é algo intrínseco ao nosso desenvolvimento seja ele típico, seja atípico, e a nossa construção como seres que têm como maior ferramenta cultural a linguagem.

Por fim, destacamos os efeitos positivos dos sistemas de comunicação alternativa na relação ensino-aprendizagem, principalmente quando essa relação considera a perspectiva da Multimodalidade para sua total eficiência. Reforçamos ainda a importância dos momentos de interação para a construção de sentido na relação com o outro, e a relevância que deve ser dada as produções gestuais na comunicação dessas crianças.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre a ECNP no contexto educacional, observamos que os aspectos da Multimodalidade e da comunicação alternativa contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem desses indivíduos. Reconhecemos também a importância da escola em considerar esses aspectos para poder atender esses alunos em sua totalidade. Acreditamos que nosso trabalho tenha favorecido a compreensão da relevância desses aspectos para a inclusão e aprendizagem desses indivíduos.

Enfatizamos inclusive, o reconhecimento que deve ser dado à linguagem e ao sujeito, pois concordamos que ambos devem ser vistos como sendo multimodais. Isso aponta para a heterogeneidade existente na relação sujeito-linguagem, que nos indivíduos com ECNP é ainda mais representativa.

Concernente ao processo comunicativo, este só ocorre na relação com o outro, através das trocas de mensagens construídas entre os sujeitos, estabelecendo assim a comunicação. Para tanto, ressaltamos a importância do interlocutor em dar atenção para as produções linguísticas desses indivíduos. No contexto educacional, essa relação se dá inicialmente na interação professor-aluno, e posteriormente na relação com os demais alunos e profissionais.

Percebe-se que a colaboração mútua entre os profissionais do AEE e do ensino regular trará para um melhor resultado no que concerne o processo de inclusão, ensino e aprendizagem dos alunos com deficiências. Somente para servir de exemplo, seria importante que esses profissionais planejassem suas aulas contemplando práticas educacionais que estivessem interligadas, e em consonância com a aprendizagem dessas crianças, em ambas as salas de aulas.

Essa pesquisa de cunho bibliográfico proporcionou compreender como tem sido abordado o desenvolvimento linguístico, cognitivo e sensorio-motor de pessoas com ECNP, o que contribuiu para a busca da resposta de uma das questões que foram base para este estudo, a de que é imprescindível considerar no que concerne o desenvolvimento global dessas pessoas, o reconhecimento destas como seres de linguagem que desenvolvem sua aprendizagem quando incluídas numa perspectiva multimodal de língua, podendo, assim,

participar ativamente de diversos contextos sociais de interação. Destacamos, inclusive, a necessidade de enquanto sociedade, caminhar sempre pelo viés da inclusão, reconhecendo e respeitando as diferenças.

Por fim, consideramos a discussão sobre ECNP relevante para inclusão de alunos com tais patologias no contexto social e educacional de Ensino-Aprendizagem em todas as etapas de formação acadêmica, apresentando no quadro de discussão, os aspectos da Multimodalidade e a Comunicação Alternativa, como ponte no processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA-NÓBREGA, P.V. **O sistema de referencial multimodal de crianças com Síndrome de Down em Engajamento Conjunto**. 206f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

ÁVILA-NÓBREGA, P.V. **O estudo do envelope multimodal como uma contribuição para a aquisição da linguagem**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SECADI, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção a pessoa com paralisia cerebral**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014

CÂNDIDO, A. M. D. M. **Paralisia cerebral: Abordagem para o Pediatra Geral e Manejo Multidisciplinar**. Monografia (Curso de Residência Médica em Pediatria) – Hospital Regional da Asa Sul, Brasília, 2004.

CARNEVALE, L. B. et al. Comunicação Alternativa no contexto educacional: conhecimento de professores. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 19, n. 2, p. 243-256, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000200008). Acesso em: 02 mai. 2018.

CAVALCANTE, M. C. B. **Multimodalidade em aquisição da linguagem**. 1ª Ed. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

CUNHA, T. L. S.; SANTAROSA, L. M. C.; LIMA, J. V. Estudo do processo de comunicação de alunos com paralisia cerebral em ambientes digitais. **Revistas de estudos da linguagem**. v.25, n. 4, p. 2197-2226, 2017. Disponível em: <https://doaj.org/article/ac1c710b9b4e4e10bb6b02d06701f1bc>. Acesso em: 24 mar 2021.

GOMES, Claudia; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.12, n.1 p. 85-100, 2006.

LAKATOS Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2003. ISBN 9788522466252

LEITE, J.M.R.S., PRADO, G.F. Paralisia cerebral: aspectos fisioterapêuticos e clínicos. **Revista Neurociências**, v.1, n.12, 2004. Disponível em: [http://www.unifesp.br/dneuro/neurociencias/vol12\\_1/paralisia\\_cerebral.htm](http://www.unifesp.br/dneuro/neurociencias/vol12_1/paralisia_cerebral.htm). Acesso em: 21 ago. 2020.

MELO, A.P.N. de. Subjetividade e dialogicidade na interação mãe-bebê com Síndrome de Möebius. **DLCV**. João Pessoa, v.10, n.1 e 2, p. 69-86, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/view/12244/9958>. Acesso em: 12 abri. 2021.

MATTOSO, M. G. S.; BRUNO, M. M. G.; NOZU, W. C. S. Avaliação e inclusão de criança indígena com paralisia cerebral e baixa visão na educação infantil. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v.1, n. 0, p. 35-52, 2020. Disponível em: <https://doaj.org/article/e5b031dd9a88442eb6160b8b67cf3b24>. Acesso em: 24 mar. 2021.

NOGUEIRA, P.A.S. **Cenas de atenção conjunta entre mãe ouvinte e bebê surda**. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

POLIA, Andreza Aparecida. **Aquisição de linguagem nas especificidades da encefalopatia crônica não progressiva**: uma abordagem multimodal. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019.

PONSONI, Adriana; SAMESHIMA, Fabiana Sayuri; DELIBERATO, Débora. Adaptação de histórias por meio da comunicação suplementar e alternativa para alunos com paralisia cerebral. **Revista ciência em extensão**, vol. 3, 2010. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/> Acesso em: 24 mar. 2021

REBEL, M.F. *et al.* Prognóstico motor e perspectivas atuais na paralisia cerebral. **Rev. Bras. Cresc. E Desenv. Hum.**, v.2, n.20, p. 342-350, 2010.

ROTTA, N. T. Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 78, supl. 1, p. S48-S54, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572002000700008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572002000700008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 agos. 2020

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade, p.56

SILVA, R. L. M. et al. Efeitos da comunicação alternativa na interação professor-aluno com paralisia cerebral não-falante. **Rev. bras. educ. espec.** vol.19 n.1 Marília, 2013. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000100003&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000100003&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 24 de mar 2021

VASCONCELLOS, Roseli. **Organismo e sujeito:** uma diferença sensível nas paralisias cerebrais. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

VASCONCELLOS, Roseli. **Efeitos da clínica de linguagem em casos de sujeitos com paralisia cerebral.** *Revistas de estudos da linguagem*, v. 26 (1), p. 355-387, 2017.

VASCONCELLOS, R.; DEL RE, A. PARALISIA CEREBRAL: EFEITOS DA ESCRITA SOBRE A ESCRITA. *Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)*, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 319-349, 2017. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-57942017000200319&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942017000200319&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 mar 2021.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, meu pai todo poderoso, autor e guia dos meus caminhos, que no decorrer de minha existência derramou o seu infinito amor, nos momentos de alegria e dor de minha vida. A Nossa Senhora, por conceder a sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, pessoa que sempre admirei e do qual levarei todos os seus ensinamentos acadêmicos como referência e base para outros espaços.

A todos/as os/as professores/as do departamento de Letras Português, que foram contribuintes para o enriquecimento do conhecimento, que hoje levo ao sair desta instituição, no qual me proporcionou momentos ímpares em minha vida.

A todos/as os/as funcionários/as da Instituição, pelo zelo com o prédio físico e pela atenção dada a mim, semanalmente, nos corredores de nossa UEPB, os quais foram contribuintes ao longo desta graduação. Agradeço, de forma especial, a Marcielly Oliveira pela presteza e atendimento quando me foi necessário.

As minhas irmãs, Erica Azevedo Pequeno, Joyce Azevedo Pequeno, a (s) qual (is) sou grata pelo incentivo e apoio dado ao longo desta jornada acadêmica.

Ao meu esposo, Geovani Luiz Soares, o qual agradeço todo companheirismo, amor e carinho que tem tido por mim, e por ajudar-me a concluir esta etapa da vida. Aos meus avós, Marilene e Severino, Dalva e José Roberto e demais familiares. Por terem sido divisores de água em minha vida, com seus incentivos.

As estimáveis docentes, Edna Domingos, Maria Da Luz e Elizete Nascimento, as quais despertaram o desejo e ânsia de galgar espaços maiores na carreira profissional.

Aos meus amigos de turma, com os quais tive a honra de conhecê-los. De forma especial, aos meus amigos, Valdir Mauricio, Joanderson Santos, Iara Cristina, Daniel Lira, assim como aos meus companheiros de trabalho Géssica Sousa, Valber Andrade, Orlei Pereira e, em particular, Maria Aldeizy, que mais que companheira de trabalho, uma irmã e amiga.

A minha amiga e colega de turma, Natalia Dos Santos Brito Rodrigues, a quem agradeço a atenção em todas as minhas solicitudes e companheirismo inestimável, neste caminho acadêmico. Agradecendo todo seu carinho tido por mim.

Por fim, aos meus amigos do ônibus, por passarmos quatro anos na estrada, em busca da realização dos nossos sonhos, de modo especial ao nosso motorista Edvan, com a sua inexplicável paciência.